

NARRATIVAS DAS MARISQUEIRAS DE PASSE/CANDEIAS: EXPRESSÃO DO FEMININO NO DISCURSO SILENCIADO

Uilma Rodrigues de Matos¹

RESUMO

Trabalhar com Comunidade de “saberes tradicionais” e contribuir para uma formação multidisciplinar de estudantes universitários, significa apoiar-se em referências inovadoras na vida e na prática da Comunidade universitária. Exige adotar uma postura multireferencial, numa abordagem interdisciplinar e multidisciplinar a fim de analisar a complexidade do fenômeno educativo e social. Dialogar com as narrativas das mulheres trabalhadoras da pesca tradicional na comunidade de marisqueiras e pescadores da colônia de pesca Z54 no município de Passé Candeias no Recôncavo Baiano foi o desafio condutor da disciplina Ação Curricular em Comunidades e Sociedades – ACCS- EDCH08 Práticas Educativas em EJA e Desenvolvimento Humano: marisqueiras de Passe/Candeias, ofertada pela Faculdade de Educação na Universidade Federal da Bahia - FACED-UFBA em 2012.2 e 2013.1. O trabalho consistiu em apresentar estratégias de desenvolvimento humano e sustentável, a partir das falas das marisqueiras, muitas vezes silenciadas pelas condições do contexto em que vivem. O princípio da oralidade como fundamento foi essencial para o desenvolvimento de uma práxis dialogada. Optando-se como atividade central e geradora de aprendizagens o reconhecimento da prática da catação de marisco como um saber e técnica. Construindo trilhas e aprofundando o conhecimento adquirido a partir da vivência entre o grupo de estudantes e a comunidade. Conhecendo a vida das marisqueiras, sua cultura e seus saberes, utilizando essas informações como base estruturante para a construção coletiva de novas propostas e projetos educativos culturais na perspectiva da valorização e do reconhecimento da mulher marisqueira e sua técnica de trabalho como um patrimônio cultural local.

Palavras-chave: Tecnocultura. Gênero. Narrativas.

INTRODUÇÃO

O direito de dizer a palavra parece ser uma questão resolvida na contemporaneidade, mas diante do atual contexto marcado pela preeminência dos cenários tecnológicos, a hierarquização dos conhecimentos e saberes, a globalização da economia capitalista que evidencia relações desiguais com as culturas locais, e em geral por práticas que naturalizam formas de subordinação, desenvolver processos educativos vinculados aos contextos sociais e culturais das comunidades é hoje uma prioridade.

A prática educativa, como prática dialógica que mantém na reflexão uma constante e contribui para a leitura do mundo tem lugar quando os partícipes do ato educativo estabelecem relações de intercâmbio num permanente ato de conhecimento onde problematizar é o exercício imutável. Evidentemente, nesta compreensão do educar, o direito de dizer a palavra é uma realidade do processo através do qual se desenvolve uma dinâmica

¹- FACED-UFBA; Coordenadora do ACCS EDCH08 e Profª do Departamento de Educação; uilma@ufba.br

que alcança mudanças na própria realidade, pois segundo Freire (2005) “é um encontro em que se busca o conhecimento” a partir do diálogo interminável.

Nesta perspectiva, o trabalho apresentado refere-se a uma práxis de troca de saberes com o objetivo de articular formação de estudantes de graduação nos processos sócio-educacionais com a comunidade de Passé-Candeias com vistas à produção de conhecimento, problematizando o contexto social e do trabalho das marisqueiras, suas práticas e saberes nos territórios da cultura, histórias e memórias, na perspectiva do protagonismo social dessas mulheres.

Refletir como determinadas práticas culturais possuem um sentido e um significado para seus participantes, implica pensar nos sujeitos que ordenam a compreensão de mundo, as estruturas sociais que são construídas e as formas de valorização da cultura isto é, um exercício constante de reflexão na ação imprescindível para reconhecer o papel dos sujeitos sociais.

A vida das mulheres trabalhadoras da pesca tradicional, sempre foi marcada por grandes dificuldades, seja pelo esforço físico de seu trabalho caracterizado por extensas caminhadas no lodaçal do mangue, seja pelo longo tempo em que permanecem na catação do marisco, o que causa sérias doenças ocupacionais, seja pela baixa remuneração na comercialização dos produtos coletados no mangue, o que acarreta a sua desvalorização refletindo negativamente na auto-estima dessas mulheres.

Um fazer transmitido de mãe para filha, como são as aprendizagens que se constituem em saberes pouco valorizados socialmente, como são as atividades domésticas, manuais e a própria coleta de mariscos, resultado de um processo histórico ligado ao desenvolvimento das forças produtivas engendrado pelo Patriarcado (ENGELS, 2002) que culmina na divisão sexual do trabalho e consequentemente na opressão da mulher.

Submetidas a várias formas de subordinação e seus efeitos, [...] em contextos onde forças econômicas culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação. Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo é, muitas vezes, invisível. (CRENSHAW, 2002, p. 176)

A situação da mulher nesse cenário torna-se particularmente mais dramática visto que historicamente a trajetória dessas marisqueiras em geral negras, e em sua maioria excluídas da escolarização básica, conta uma história de invisibilidade, subalternidade e silenciamentos.

Desprovida de qualquer tipo de realização, a profissão de marisqueira passou a ser reconhecida para fins previdenciários a partir de 2006², o que não afastou o estigma de tarefa de mulher socialmente representada como um trabalho desvalorizado e não significativo nas esferas sociais.

Simultaneamente os processos de formação dos estudantes universitários reclamam cada vez mais propostas orientadas a transcender enfoques disciplinares e a vincular aos jovens aprendizes com o mundo da vida, a realidade social na que estão vinculados.

Diante disso, a vinculação de estudantes de diferentes programas de graduação (entre eles Pedagogia, Medicina, Nutrição, Artes, Humanas, Computação) em torno de uma Atividade Curricular em Comunidade, configura-se como um espaço de formação na prática que contribui para consolidar cenários de construção e difusão de conhecimentos baseados no diálogo com a comunidade.

Nesta perspectiva, o diálogo entre a academia com a comunidade de saberes tradicionais, passa a ser entendidas como formas de organização vinculadas pelos interesses num saber-fazer concreto mediado pela troca de conhecimentos e saberes onde o respeito pelo outro, pela palavra e também pelo silêncio configuram fatores importantes para “escuta sensível” Barbier (1993).

Para Boaventura de Sousa Santos (2008) uma comunidade de saber é um mundo da vida alimentado por um saber comum onde o conhecimento se produz e aplica,

Cada contexto é um espaço e uma rede de relações dotadas de uma marca específica de intersubjetividade que lhes é conferida pelas características dos elementos que o constituem entre eles a unidade da prática social, a forma institucional, o mecanismo de poder, a forma de direito e o modo de racionalidade. (op.cit. 151)

Em concordância com isto, nossa escolha metodológica apresenta aspectos de enfoques qualitativos envolvendo sujeitos participantes na troca de conhecimentos, seus saberes, suas histórias individuais e coletivas, assim como as narrativas esquecidas, ou silenciadas.

A colônia de mulheres pescadoras de Passé é compreendida como comunidade de saberes, interlocutoras legítimas nesta troca com a Universidade, no caso a UFBA, amparando-se em aportes da *Ecologia de Saberes* de Boaventura de Sousa, para buscar o equilíbrio na relação entre conhecimentos e saberes das práticas sociais e os gerados pela

² www.camara.gov.br/sileg/integras/379984.pdf - site visitado em 10/04/2012.

ciência e na academia. A ACCS EDCH08 insere-se no exercício de relações dialógicas mediadas por aprendizagens recíprocas.

Do mesmo modo, nosso trabalho considera a perspectiva dos Estudos de Gênero (SAFFIOTI. 2004; COSTA. 1998. SCOTT. 1991), conscientes da relação de dominação histórica engendrada nas relações entre homens e mulheres tanto no espaço doméstico, de produção ou de relações sociais, quanto em seus processos complexos e subjetivos. A importância dos estudos de gênero se localiza na possibilidade de contar com matrizes compreensivas dos conflitos produzidos historicamente tanto no âmbito local como global.

Entende-se que o contexto cultural, a vida cotidiana dessas marisqueiras efetiva-se espaços privilegiados para o estudo e a compreensão de muitos aspectos das subjetividades das suas práticas. Mas, afinal, qual a metodologia mais eficaz para interpretar as realidades na perspectiva das construções de protagonismos dessas marisqueiras?

A etnopesquisa surgiu como uma metodologia privilegiada por evidenciar-se uma ciência empírica que analisa e estuda um mundo também empírico, em que o conhecimento é processual e, por este motivo, é interminável e constante (MACEDO, 2004).

Tornou-se de suma importância perceber e dissociar a observação do ato mecânico de registro pois segundo Macedo (2004), a etnopesquisa é um instrumental que estabelece a mediação entre o sujeito da ação em sua relação com o objeto pesquisado. A interpretação, nessa perspectiva, é o resultado sempre inacabado de uma dialética contínua que surge nas interações sociais, sendo que a melhor forma de compreender os diferentes fenômenos é estar com eles, vivenciar o universo de suas práticas, o que se configura de importância fundamental na compreensão do outro e de nós mesmos.

O desafio passou a ser articular a etnopesquisa enquanto instrumento metodológico e suas etapas, ao universo das marisqueiras, seu cotidiano, seus saberes, conhecimentos, cultura e memória social nos seus múltiplos processos de produção e articulação de lembranças e esquecimentos em íntima conexão na construção das memórias nos diversos domínios da sua prática social.

A observação participante é pressuposto essencial para a etnopesquisa que se constitui como recurso qualitativo e base argumentativa e epistemológica, já que as ciências sociais resultam de produções intelectuais da humanidade, relativas às necessidades objetivas do local e do tempo. O contexto cultural observado e refletido é fundamental para compreender as ações sociais, sem, contudo, deixar de levar em conta as peculiaridades relativas às qualidades de interpretação do pesquisador, (LUDKE E ANDRÉ 1986, apud MACEDO 2004, p. 144.) afirma;

[...] supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada; os dados da realidade são predominantemente descritivos, e aspectos supostamente banais em termos de status de dados são significativamente valorizados.

Compreender cultura e memória social implica entender o seu contexto e a produção do saber que se efetiva nas relações sociais. Evoca Paulo Freire (1995) na sua denominação de uma “pedagogia da resposta” que enfatiza a importância do ouvir caridoso e ritualístico, fugindo do senso comum que tais denominações suscitam, pois segundo Macedo (2004, p.198) cabe associar a Freire à *escuta sensível* de Barbier, já que se trata de uma "uma escuta dialética e dialógica, uma empatia dialética e dialógica, uma autêntica ausculta, porque visceral.", o que torna pertinente utilizar a etnopesquisa como um potencial reflexivo e formativo para a prática compreensiva e transformadora implicada com o fortalecimento da cidadania e da democratização de saberes e conhecimentos.

O componente curricular EDCH08 articulou-se a três eixos estruturantes assim instituídos: **conhecimento institucional** – que levou em conta o contexto e o conteúdo do trabalho das marisqueiras, suas demandas, tendo como objetivo relacionar condições particulares da comunidade com processos de ensino propostos pelas instituições dedicadas a educação formal (alfabetização, letramento, oralidade, escrita, produção textual, competências iniciais de ensino fundamental e médio). A oralidade fundamentou a práxis baseada em Freire (1982).

Compreender o processo de educação de adultos como ato de conhecimento, portanto ato cultural para a libertação, é compreender também a partir de Freire (1982: 48) que o conhecimento institucional deve ter como base as experiências populares, pautado na flexibilidade e relatividade da diversidade dos saberes, onde os educando possam assumir o papel de sujeitos cognoscente em diálogo com o educador, também sujeito cognoscente.

Gênero e memória - este eixo propôs ampliar a reflexão na perspectiva de gênero possibilitando às mulheres marisqueiras o reconhecimento da importância do seu papel para desenvolvimento pessoal, familiar, comunitário, neste propósito a ativação da memória constituiu um dispositivo de empoderamento para o desenvolvimento de projetos culturais, de histórias de vida, local e regional, respaldada nas teorias dos estudos de gênero.

O eixo tecnocultura teve como propósito refletir com a comunidade sobre tecnologia, sua relação com a cultura, identificando a perspectiva histórica e compreensão da tecnologia como mediação entre a espécie humana e a natureza, com interesse de evidenciar técnicas vinculada às práticas de mariscar e saberes (MARTIM BARBERO 2003, 2005; GILBERT SIMONDON, 1989, 2005, 2010; CANCLINI, 2004).

Os desejos expressos pelas marisqueiras de usar computadores e ter acesso a outros recursos tecnológicos orientaram a reflexão do eixo Tecnocultura, considerando a importância de estabelecer vínculos entre a pesca artesanal de mariscos, a técnica, a tecnologia e os processos da aprendizagem.

O propósito foi refletir com a comunidade sobre tecnologia, sua relação com a cultura, identificando a perspectiva histórica, numa compreensão da tecnologia como mediação entre a espécie humana e a natureza (GILBERT SIMONDON, 2010).

É na arte da pesca, na tradição do saber fazer, da oralidade, na cotidianidade e nos ritmos da maré que elas constroem formas de olhar e habitar seu mundo, embora não expressem reconhecimento, nem valorização pelo saber fazer (técnica) que desenvolvem durante a mariscagem.

De acordo com Freire (1970) o ato de assumir o compromisso com educação libertadora e com a educação de adultos, visto de um ponto libertador é um ato político e de conhecimento.

Começarei afirmando ou reafirmando que, se não superamos a prática da educação como pura transferência de um conhecimento que somente descreve a realidade, bloquearemos a emergência da consciência crítica, reforçando assim o analfabetismo político. Temos que superar esta espécie de educação se nossa opção é realmente revolucionária - por outra, em que conhecer e transformar a realidade são exigências recíprocas. Há um ponto de fundamental importância a ser sublinhado na superação da prática educativa domesticadora pela libertadora. Refiro-me à impossibilidade de uma real práxis libertadora se o educador segue o modelo “domesticador”. (op. cit. pag 92).

A educação das mulheres trabalhadoras da pesca em Passé neste trabalho foi compreendida como educação libertadora, portanto individual e coletiva, com o propósito de formar cidadãs com consciência local e planetária, promovendo diálogo e respeitando a diversidade.

Com esse propósito iniciamos o trabalho de educação na Comunidade de pesca artesanal no Município de Passé, pressuposto fundamental para a formação dos estudantes que assumiram o compromisso com a educação do grupo de mulheres buscando compreender o valor e o lugar da educação para a Comunidade.

Dar significado às narrativas desse grupo feminino de trabalhadoras da pesca artesanal, tentando compreender e estimular o percurso da sua escolaridade como meio de desenvolvimento e formação humana combinando a educação dos filhos e o papel tradicional da mulher, mãe e trabalhadora, constituiu-se num desafio teórico e metodológico a ser

experimentado, usando a criatividade e o compromisso com a educação popular na sua essência.

Compreender o lugar da educação para essas mulheres a partir de suas narrativas foi o desafio condutor da disciplina EDCH08. Utilizando-se de estratégias de desenvolvimento humano a partir das falas, algumas silenciadas pelas condições do contexto em que vivem, optou-se como atividade central e geradora de aprendizagens, a construção de centros de interesses, gerador de conhecimento e aprendizagem, como ponto de construção e desconstrução de conhecimentos das suas demandas o que pode ser traduzido em módulos de conhecimentos resignificados de conteúdos próximos aos contextos de trabalhos e da vida dessas mulheres.

Todo o trabalho para desenvolvimento da mulher marisqueira foi baseado nos princípios da oralidade como fundamento essencialmente de uma práxis dialogada de acordo com Freire (1982:49). Expressar seu pensamento se fez assim uma oportunidade para que as mulheres marisqueiras percebessem o que realmente significa “dizer a palavra”: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. “Dizer a palavra em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Como tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias.”

O medo de falar e a timidez das mulheres, a compreensão da educação não formal e informal tornou-se a estratégia e substrato usado para promover o estímulo da sua oralidade.

Buscou-se desenvolver oficinas/dialogadas de/e para marisqueiras sobre como, “aprender a falar em público”, “escrita do nome”, e como fazer “orçamento familiar”, transformando essas demandas em conteúdos disciplinares tomando-os como centro de aprendizagens geradoras das condições de emponderamento e desenvolvimento humano e sustentável, significou transgredir o estabelecido, avançar para a formação multilateral do estudante das diversas áreas elencadas, distanciando-se da formação acadêmica secularmente experimentada na universidade.

A decodificação das narrativas das marisqueiras foram traduzidas com apoio do referencial do dispositivo teórico da análise do discurso – AD - tomando de empréstimo o que diz Orlandi (2003) sobre o dito e o não dito na produção das falas dos sujeitos em situação de submissão e dos sujeitos do discurso ideológico autoritário e dominante.

A autora mostra que para responder ao que interroga é necessário um deslocamento de terreno e constituir outra região teórica em que a relação entre o sócio-histórico e o linguístico é constitutiva. Ou seja, o que liga o dizer a sua exterioridade constitui o próprio dizer.

Da proposta Freireana subtraímos todo arcabouço do universo vocabular dos educando de Freire e reutilizamos agora a partir do dispositivo de AD, incorporado pelos estudos linguísticos e identificados nas narrativas das marisqueiras.

Um dos recortes teóricos apontados pela autora é a relação língua e discurso e destaca que “nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos” (p. 22).

A análise não se restringe à interpretação em si, tampouco procura uma chave para isso. Neste ponto de vista teórico, não existe verdade oculta em quaisquer textos ou discursos. O que há são gestos, pausas, entonações da voz, e outras marcas da oralidade de interpretação que o analista deverá buscar compreender.

A explicitação da relação entre o dispositivo teórico da AD e os dispositivos analíticos, pode ser compreendida, tomando o enunciado das narrativas das marisqueiras: “poucas pescadoras dirigem um barco porque tem medo”, o qual pressupõe sua própria negação; alguém tem medo de dirigir barcos mas tem algumas que tem coragem.

Com base no dispositivo da AD, as falas, os silêncios das marisqueiras, os gestos durante as oficinas foram marcas para buscar no dispositivo e suporte teórico a interpretação do cotidiano dessas mulheres. A partir desse referencial, foram apresentadas novas proposições, atividades e encadeamento de ações tanto para as marisqueiras quanto para os universitários em formação durante seu percurso profissional.

Pelas suas narrativas foi possível compreender, a negação dessa cidadania, o que não lhes permitiu reflexões mais profundas, fazendo assim identificar no conformismo e na aceitação da vontade superior a condição de subalternidade.

Trabalhar, conviver com essas mulheres que tem como presidente da Colônia de pesca um homem pescador pode ter sido um dos condicionantes de permanência da invisibilidade do discurso da mulher marisqueira, o que nos mobilizou a utilizar como estratégia as oficinas com o intuito de problematizar o lugar que ocupa a marisqueira podendo assim, potencializar a expressão de um discurso feminino visível, o desejo de aprender a falar em público, confirmou a percepção da sua condição de subalternidade.

A hegemonia do saber que tem as tecnologias frente ao saber da prática da pesca de mariscos representou outra tensão entre saberes construídos e transmitidos socialmente frente aos baseados na lógica formal das instituições científicas e tecnológicas que nas falas refletiu a ideia de superioridade associada à manipulação do objeto técnico, tomando como exemplo o

próprio discurso das marisqueiras em não considerar a coleta de mariscos como um trabalho e sim um fazer sem valor.

As ações de cunho sócio-educacional pretenderam a criação e cooperação político-pedagógica entre as demandas docentes e discentes da universidade e da comunidade de marisqueiras, enfatizando o empoderamento e a valorização da mulher trabalhadora da pesca na perspectiva da inclusão digital, sustentabilidade, educação ambiental.

Nesta perspectiva, as comunidades de saberes, além de valorizar e legitimar seus conhecimentos produzidos, constituíram-se em um dos eixos centrais na discussão das relações de poder/saber menos hegemônicas às impostas pelas formas clássicas de produção de conhecimento científico da modernidade que privilegia uns conhecimentos e descredencia outros (CANCLINI, 2008).

Para Boaventura de Sousa Santos uma comunidade de saber é um mundo da vida alimentado por um saber comum onde o conhecimento se produz e aplica pois,

[...] cada contexto é um espaço e uma rede de relações dotadas de uma marca específica de intersubjetividade que lhes é conferida pelas características dos elementos que o constituem entre eles a unidade da prática social, a forma institucional, o mecanismo de poder, a forma de direito e o modo de racionalidade. (SANTOS, 2008, p. 151)

Nesta linha argumentativa, entende-se como comunidade de saber as mulheres pescadoras de Passé que se apresentam como interlocutoras legítimas na troca de saberes/conhecimentos para estabelecer diálogos com a universidade, neste caso a UFBA, a partir das orientações propostas por Boaventura de Sousa na Ecologia de Saberes que se centra em buscar o equilíbrio na relação entre os saberes produzidos pela prática social e os gerados pela ciência e academia. O ACCS EDCH08 insere-se na prática de diálogos horizontais entre a academia e esta comunidade de mulheres pescadoras.

Desenvolver oficinas/dialogadas de/e para marisqueiras sobre como, “aprender a falar em público”, “escrita do nome”, e como fazer “orçamento familiar”, transformando essas demandas em conteúdos disciplinares tornando-os como centro de aprendizagens geradoras das condições de emponderamento e desenvolvimento humano, significou transgredir o estabelecido, avançar para a formação multilateral do estudante das diversas áreas elencadas, distanciando-se da formação acadêmica secularmente experimentada na universidade.

Dar significado às narrativas desse grupo feminino de trabalhadoras da pesca artesanal, tentando compreender e estimular o percurso da sua escolaridade como meio de desenvolvimento e formação humana combinando a educação dos filhos e o papel tradicional da mulher, mãe e trabalhadora, constituiu-se num desafio teórico e metodológico a ser

experimentado, usando a criatividade e o compromisso com a educação popular na sua essência.

Apresentar estratégias de desenvolvimento humano a partir das falas, algumas silenciadas pelas condições do contexto em que vivem, tiveram como atividade central e geradora de aprendizagens, a construção de centros de interesses que foram traduzidos em módulos de novos significados e de conteúdos de trabalhos próximos aos contextos dessas mulheres.

Todo o trabalho para desenvolvimento das atividades com as marisqueiras foi baseado nos princípios da oralidade como fundamento essencialmente de uma práxis dialogada de acordo com Freire (1982:49). Expressar seu pensamento se fez assim uma oportunidade para que as mulheres marisqueiras percebessem que realmente significa “dizer a palavra”: um comportamento humano que envolve ação e reflexão.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Para Freire (1982) “toda prática educativa implica numa concepção de seres humanos e do mundo.” (op.cit. p.42). Com esse pressuposto, identificamos e construímos projetos educativos a serem desenvolvidos na comunidade, dessa forma assumindo o duplo papel de formar para uma educação nova os futuros profissionais e as mulheres trabalhadoras da pesca estabelecendo assim uma verdadeira troca de saberes.

Essa educação deve valorizar as diferentes formas e tipos de conhecimento, compreendendo que o conhecimento acumulado por todos não deve ser patenteados ou monopolizados. Essa educação deve estimular e potencializar mudanças promovendo oportunidades democráticas de base e que estimulem as mulheres marisqueiras a se reconhecerem enquanto sujeitos ativos e participantes sociais, que sejam capazes de resolver conflitos de forma justa e humana.

Essa educação deve ser capaz de promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições com a finalidade de criar novos modos de vida, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade religião e classe social.

A educação para um mundo novo atual e sustentável nos alerta para essa nova forma de propor projetos educativos para comunidade de saberes tradicionais e outras comunidades baseadas na concepção de Freire que já nos anos 70 nos advertia sobre a educação de um

ponto de vista crítico, compreendida como aquela em que pela desmitologização da realidade, se ajudem educandos e educadores na superação do analfabetismo político.

Começarei afirmando ou reafirmando que, se não superamos a prática da educação como pura transferência de um conhecimento que somente descreve a realidade, bloquearemos a emergência da consciência crítica, reforçando assim a o analfabetismo político. Temos que superar esta espécie de educação se nossa opção é realmente revolucionária- por outra , em que conhecer e transformar a realidade são exigências recíprocas. Há um ponto de fundamental importância a ser sublinhado na superação da prática educativa domesticadora pela libertadora. Refiro-me à impossibilidade de uma real práxis libertadora se o educador segue o modelo “domesticador”. (FREIRE, 1970, pag 92).

Compreendendo a definição ou definições conceituais não como coisa dada, definida, para evitar o equívoco socrático, sobretudo compreendendo que todo ato ou escrita de temas não deve ser tomado apenas como ato narrativo principalmente compreendendo que a realidade se move e se modifica.

No momento exato em que registramos as narrativas das marisqueiras de Passé foram surgindo algumas pistas para conclusões, ainda que provisoriamente, sobre o processo de formação universitária e de pesquisa-ação em comunidades de saberes tradicionais a partir dos aportes a seguir registrados.

Dentre eles podemos ressaltar que a educação torna-se um instrumento privilegiado para se pensar o espaço social organizado e instituído, um espaço de atuação e de possibilidades de interferências seja na vida privada, na escola, no trabalho ou na vida pública.

A contribuição da educação no processo de desconstrução das desigualdades torna-se a premissa básica para reconhecer como o lugar das identidades diversas são oportunidades de crescimento e não fundamento da discriminação.

O empoderamento das mulheres pode promover a valorização e desenvolvimento de habilidades e competências possibilitando a construção de protagonismos.

A experiência de fortalecimento dos direitos na condição de mulheres, cidadãs, em condição de produção de discurso próprio e legítimo, tanto para comunidade de marisqueiras, como para comunidade de mulheres vinculadas a UFBA (estudantes e professoras), permeou todo o processo desse percurso formativo.

A participação de estudantes de vários cursos interconectando áreas de conhecimentos diversos, envolvidos na mesma ação pode ser uma pista para experimentar a formação multidisciplinar enriquecendo ainda mais o percurso formativo na universidade.

A participação das mulheres nas discussões das violações dos direitos da mulher oportunizou o entendimento das diversas e diferentes vulnerabilidades que as sobrepõe, ainda que muito timidamente.

O ACC EDCH08 possibilitou refletir sobre a prática da mariscagem como técnica, sobre os saberes e conhecimentos nela implícitos, e problematizou suas relações com a natureza e o mundo.

Essa experiência também atendeu ao interesse de dar voz a mulher e reconhecer a sua narrativa silenciada por processos que naturalizam o esquecimento do outro, neste caso as mulheres da pesca artesanal de Passé Candeias iniciaram seu processo de descoberta e libertação.

O papel desempenhado por essas mulheres através de suas narrativas, seus fazeres, representou um espaço em que circulam etnosaberes, conhecimentos tradicionais e taxonomias, que fazem parte do patrimônio intangível. O fazer das marisqueiras configura-se como uma ação política e cultural que resulta na construção de uma memória social e conseqüentemente de identidades coletivas, visto que advém de um saber adquirido na relação com a outra, pelo exercício da prática e da memória. Segundo Freire (1987),

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão, mas se dizer a palavra verdadeira que é trabalho que práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizer-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgotando portanto, na relação eu-tu.

A proposta do ACCS-EDCH08- Práticas Educativas em EJA e Desenvolvimento Humano: marisqueiras de Passe/Candeias foi refletir como as narrativas são elaboradas nos contextos sociais o que tornou-se tarefa desafiadora já que é por meio de uma atuação conjunta em desenvolvimento de uma produção coletiva que é possível redimensionar as relações sociais estabelecidas diante de uma realidade histórico-cultural, humana e que pode ser transformada.

Dessa forma as narrativas das marisqueiras mediatizadas pela proposta da dialogicidade de Freire pode ser compreendida como o arcabouço teórico que deu sustentação ao desenvolvimento de projetos de educação que estimularam e potencializaram possíveis mudanças. Promovendo oportunidades de reconhecimento dessas mulheres enquanto sujeitos

ativos e participantes sociais capazes de reconhecer e valorizar a sua prática como um saber fazer na perspectiva do protagonismo feminino.

O fazer das marisqueiras configura-se como uma ação política e cultural que resulta na construção de uma memória social e conseqüentemente de identidades coletivas, visto que advém de um saber adquirido na relação com a outra, pelo exercício da oralidade com a finalidade de criar novos modos de vida, ressaltando dessa forma a atualidade do pensamento de Freire.

REFERENCIAS

BARBIER, René. A escuta sensível em educação. In: **Cadernos ANPED**. Niterói N. 5 . Set. 1993, p. 187-216.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, M. Alison; BORDO, R. Susan. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. São Paulo: Bertrand, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la Interculturalidad**. Barcelona, Gedisa. 2004.

COSTA, Ana Alice. A construção do pensamento feminista sobre o “não- poder” das mulheres. In: **As donas do poder: Mulher e política na Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA – Assembleia Legislativa da Bahia, p.19-46. 1998.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. Estudos feministas, Florianópolis. Ano 10, 1º semestre. 2002. p.171- 188.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Trad. Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2002.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília, UNB, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como Prática de Liberdade**. 6ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1982.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero**. In: **Teoria e educação**. Porto Alegre, n.6, p.53-67, 1992.

_____. Orgs. Pedagogias da sexualidade in: **O corpo educado**. LOURO. Guacira Lopes; WEEKS. Jeffrey; BRITZMAN. Deborah; HOOKS. Bell; PARKER. Richard; BUTLER. Judith. Traduções: SILVA. Tomaz Tadeu. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

_____. **A Etnopesquisa crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum, introdução à sociologia compreensiva**. Brasil: Editora Sulina, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Cultura y nuevas mediaciones tecnológicas**. En América Latina otras visiones desde la cultura. Bogotá, Convenio Andrés Bello. 2005.

_____. **La educación desde la comunicación**. Bogotá, edit. Norma. 2003.

_____. **De los Medios a las Mediaciones**. Bogotá, edit. Convenio Andrés Bello, 1998.

OLIVÉ, León, **La ciencia y la tecnología en la sociedad del conocimiento. Ética, política y epistemología**. México, Fondo de Cultura Económica. 2007.

_____. **El libro, la lectura y las bibliotecas en la sociedad de conocimiento**. Universidad Autónoma de México. Unesco, Cerlac. 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Pontes. Campinas, São Paulo: 2003.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. (p. 777 – 821). **Em Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

_____. **A universidade do Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência** (vol. 1 de Para um novo senso comum: a ciência e a política na transição paradigmática). São Paulo: Cortez, 4ª edição. 2002.

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 3ª edição. 2000.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1991.

SIMONDON. G. **Imagination et Invention**. Paris: La Transparence, 2010.

_____. **L'invention dans les techniques. Cours et conférences**. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

_____. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 1989.